



# A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

«Portugal, vende-se!»

Este é o catálogo que ministros, secretários de Estado e chefes dos mais importantes partidos da classe dominante levam na pasta nas suas constantes passeatas ao estrangeiro.

Pinheiro de Azevedo, chefe do 6.º Governo vende-pátrias abre a campanha eleitoral com a sua primeira viagem ao estrangeiro. O «socialista» Salgado Zenha desembarca em Lisboa vindo do Luxemburgo com 240 milhões de dólares de empréstimos ao abrigo do «auxílio económico de emergência» concedido pela Comunidade Económica Europeia. Melo Antunes, o caixeiro-viajante, depois da Austria e Dinamarca, projecta deslocar-se ainda em período eleitoral à sua amada União Soviética. Enquanto isto Soares, Carneiro e Amaral disputam-se acerca do slogan «A Europa está connosco». Barreirinhas, o moscovita, assegura por seu lado, que os países ditos «socialistas» pagam melhor e que agora Angola, nas mãos dos seus patrões russos, também oferece boas condições para ajudar a resolver a crise.

Empréstimos do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial, da Comunidade Económica Europeia, dos Governos dos Estados Unidos e de países europeus, acordos ditos de «cooperação» com a União Soviética, a Polónia, a Checoslováquia, etc., eis o espectáculo degradante a que o povo português pôde assistir nestes dois anos de submissão face às agressões e ingerências de imperialistas e social-imperialistas, dado por seis Governos Provisórios que, como desde o primeiro dia o MRPP denunciou ao povo, estão ao serviço dos imperialistas estrangeiros, hipotecando o nosso solo, as nossas riquezas naturais, a nossa pátria.

A abrir também a campanha eleitoral a presença de navios e aviões da NATO na chamada operação «Open Gate». Do mesmo modo que em fins de Janeiro de 1975 e sempre que os golpes social-fascistas, sempre que as tentativas de domínio do social-fascista Barreirinhas Cunhal se tornam mais ameaçadoras as forças da NATO abeiram-se das nossas costas. É assim que Portugal vê continuamente em perigo a sua soberania.

A dependência económica do país a imperialistas e social-imperialistas acirra cada vez mais as disputas transformando a nossa pátria num permanente foco de guerra. As ambições hegemónicas do social-imperialismo revisionista soviético, a sede de poder que caracteriza os social-fascistas do P«C»P, a força que lhe foi dada com o reconhecimento da chamada República Popular de Angola, a perda de mercados noutros pontos da Europa e do Mundo que favorecem as exportações para os países de Leste, submetem cada vez mais o nosso país ao bloco social-imperialista e este na pessoa de Barreirinhas Cunhal, arroga-se de auferir uma parte do bolo cada vez maior.

Onde está o «patriotismo» dos nossos governantes, que capitulam perante as provocações armadas dos imperialistas, perante a chantagem insolente dos seus canhões, dos seus navios e aviões, perante as constantes manobras da NATO no nosso país? Que continuam a sujeitar Portugal à assinatura de toda a espécie de tratados desiguais; que endividam o país delapidando todas as reservas monetárias em divisas e hipotecando o ouro ainda existente; que permitem que milhares de assassinos e agentes secretos americanos e russos se passem impunemente no nosso país; que se recusam a mexer no capital estrangeiro, que continua a dispôr das suas fábricas, continuam a dispôr dos seus bancos; que deixam entrar em doses massiças o veneno cultural imperialista e social-imperialista; que reconhecem e legitimam a agressão do social-imperialismo em Angola; que colaboram na tentativa de separação dos Arquipélagos dos Açores e Madeira, do resto do país.

O povo português não está disposto a deixar-se humilhar por mais tempo e a sujeitar-se à dominação e às prepotências dos imperialistas estrangeiros. O povo português só pode pôr termo à miséria, à fome e ao desemprego em que se encontra mergulhado, quando expulsar definitivamente da nossa pátria toda a dominação estrangeira. Só um Governo Popular saído da Revolução Democrática Popular, pode trazer ao nosso povo, aos operários, aos camponeses pobres, à juventude e à intelectualidade revolucionária, às mulheres trabalhadoras, à pequena burguesia democrática e patriótica, a verdadeira Independência Nacional, transformando o nosso país numa unidade política e económica independente, que se desenvolva em todos os domínios e que funcione pelos seus próprios meios, utilizando plenamente todas as forças produtivas da sociedade agora paralizadas com o encerramento das fábricas e com

o desemprego em massa, possuindo as suas próprias técnicas, os seus próprios recursos naturais e os seus próprios quadros técnicos nacionais.

Só um Governo Popular estará em condições de aplicar um programa conducente à Independência Nacional do nosso país. Esse programa é o programa do MRPP, o Partido da Independência Nacional, é o programa que implica:

— A nacionalização dos monopólios imperialistas e agora dos social-imperialistas e demais interesses estrangeiros na nossa pátria, com a salvaguarda dos interesses dos pequenos e médios accionistas portugueses a ele associados, desde que mostrem a disposição de colaborar sinceramente com o poder democrático popular revolucionário;

— A expulsão de todas as forças militares estrangeiras, dos agentes da CIA e do KGB. O desmantelamento e retirada de todas as bases militares estrangeiras existentes no nosso país;

— A denúncia de todos os tratados desiguais e, nomeadamente, os tratados imperialistas que nos ligam à NATO e ao Pacto Ibérico;

— A salvaguarda da Soberania Nacional e uma política externa independente com o estabelecimento de relações económicas, diplomáticas, comerciais e outras na base da igualdade, da não ingerência nos negócios internos.

Todos os partidos da burguesia se esforçam para convencer o povo de que o nosso país não pode ser livre e soberano sem recorrer às ajudas externas, aos empréstimos e investimentos estrangeiros, à técnica estrangeira. Todos eles, do P«C»P ao C«D»S, do P«S» ao P«PD» se esforçam por negar a viabilidade do corte radical com todos os tratados desiguais e a sua denúncia, bem como a expulsão dos imperialistas e das suas tropas da nossa terra, agitando o espantinho do corte imediato de tais «ajudas». Os seus objectivos são os de submissão ainda maior do nosso povo aos seus patrões.

O nosso povo aspira à Independência Nacional, à possibilidade de construir com as suas próprias mãos o seu futuro, de organizar toda a economia de acordo com as suas necessidades e não ao serviço da exploração do imperialismo estrangeiro, de pôr termo à pilhagem dos seus recursos naturais, dos recursos marítimos materiais e humanos, de produzir o essencial do que necessita para consumir.

À volta da bandeira da Independência Nacional está unida a esmagadora maioria da população portuguesa. Só um punhado de traidores e vende pátrias, só um pequeno punhado de lacaios do imperialismo e do social-imperialismo se opõe activamente a esta luta. A Independência Nacional é o objectivo central da Revolução Democrática Popular. Nenhuma das reivindicações fundamentais do nosso povo podem ser conquistadas sem que tenha varrido primeiro do nosso país todos os imperialistas.

Só o proletariado revolucionário pode dirigir conseqüentemente a luta pela Independência Nacional do nosso país, unindo a si todos os sectores patrióticos do nosso povo. Sem varrerem os imperialistas da nossa pátria os camponeses nunca terão a Terra por que almejam e se levantam em luta. Operários e camponeses são o esteio fundamental da luta patriótica do nosso povo, contra o imperialismo, o social-imperialismo e o hegemonismo das duas superpotências.

Imperialistas e social-imperialistas são saqueadores insaciáveis que só a partilha do saque divide. Expulsar ambos do nosso país, tal deve ser a nossa tarefa. Mas lutar contra um imperialismo poupando o outro, é fazer o jogo deste, é ajoelhar perante ele, é abrir-lhe o caminho e facilitar-lhe o ataque. Não se pode combater um imperialismo sem combater o outro. Os social-fascistas do P«C»P e o seu canil da U«DP», M«ES», etc, pretendem desviar a torrente popular e patriótica que se levanta contra o imperialismo americano, para satisfazer os seus interesses que são implantar no nosso país o outro padrão imperialista, o social-imperialismo revisionista soviético.

O MRPP e a sua Candidatura Operária é a voz da Revolução, a voz da luta pela Independência Nacional que o povo deve apoiar expressando a sua maturidade política, votando no MRPP.

IMPERIALISTAS E SOCIAL-IMPERIALISTAS, FORA DE PORTUGAL!

VIVA A CANDIDATURA OPERÁRIA!

VIVA O MRPP!

SECRETARIADO NACIONAL  
DA CANDIDATURA OPERÁRIA  
DO MRPP

Lisboa, 10 de Abril de 1976

Lê a propaganda do Secretariado Nacional da Candidatura Operária.

6 / A QUESTÃO DE ANGOLA

A publicar:

O QUE É E A QUEM SERVE O CONTROLE OPERÁRIO?

ABM